

Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? Identidade e (des) pertencimento em “Coming Home” e *The Unbelonging*

Carla Luciane Klôs Schöninger*

Denise Almeida Silva**

Resumo: O presente estudo analítico aproxima dois textos de escritoras caribenhas que articulam a temática do movimento diaspórico à Inglaterra e o retorno à terra “(des)pertencente”: o romance *The Unbelonging*, de Joan Riley, e o conto “Coming Home”, de June Henfrey. Propõe-se uma análise de como são representados, nessas obras, o sentimento de (des)pertencimento, a busca por uma identidade cultural viável e o retorno à terra de origem, idealizada a partir do estrangeiro. Para tal, buscam-se aportes teóricos nos estudos de Homi Bhabha (1998) sobre o entre-lugar, em Stuart Hall (2003) e sua percepção cultural sobre o movimento diaspórico, bem como na abordagem de Chris Weedon (2004) sobre questões de identidade e pertencimento. A análise investigativa destes dois textos ficcionais permite uma melhor compreensão sobre as conseqüências da diáspora na vida das protagonistas, as quais transitam entre dois lugares, mas não pertencem a nenhum.

Palavras-chave: “Coming Home”. Entre-lugar. Diáspora. Identidade. *The Unbelonging*.

* Mestre em Letras, área de concentração Literatura, URI - Frederico Westphalen. Pós Graduada em Língua e Cultura Inglesa, URI – Frederico Westphalen. E-mail: carla.luciane@yahoo.com.br

** Doutora em Letras (UFRGS), docente do Departamento de LLA da URI-Frederico Westphalen, atuando na graduação e Mestrado em Letras- Literatura Comparada. E-mail: dasilva@uri.edu.br

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 13	n. 20	p. 151-167	Ago. 2011. Recebido em: 12 mar. 2011 Aprovado em: 21 jul. 2011
------------------------	----------------------	-------	-------	------------	---

Introdução

Este estudo analítico aproxima dois textos de escritoras caribenhas que articulam a temática do movimento diaspórico à Inglaterra e o retorno à terra “(des) pertencente”: o romance *The Unbelonging*, de Joan Riley, e o conto “Coming Home”, de June. A investigação enfoca a questão identitária, o (des)pertencimento, bem como a noção de se estar num “entre-lugar” nas obras em questão. Ambas as narrativas envolvem três contextos totalmente diferentes: a terra de origem (ilhas do Caribe), o ambiente da Inglaterra, e a terra de origem após o retorno. O primeiro é apresentado como o lugar ideal, em que as protagonistas se refugiam através da memória, e representa o lugar em que se quer estar. O último mostra as transformações sofridas nas ilhas com o passar do tempo; quanto ao segundo, a Inglaterra, representa o terror, o medo, a solidão, que, no entanto, é o lugar real, onde se está, ou seja, o local em que as protagonistas permanecem por grande parte de suas vidas.

Propõe-se um estudo analítico de como se desencadeia a busca das protagonistas pela própria identidade, de que forma ocorrem os sentimentos de (des)pertencimento e como se dá o retorno à terra de origem, que é idealizada a partir do estrangeiro. Para tal, buscam-se aportes teóricos em análise de como são representados, nessas obras, o sentimento de (des)pertencimento, a busca por uma identidade cultural viável e o retorno à terra de origem, idealizada a partir do estrangeiro. Neste sentido, as discussões propostas servem como subsídio para que haja um melhor entendimento da diáspora, tanto no texto literário, quanto no contexto real.

1 “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”

O título do artigo– “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”– remete ao discurso de Homi Bhabha, ao descrever sua própria experiência de migração em “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, ensaio dedicado à questão da dispersão dos povos e à posição de margem que assumem diante da cultura estrangeira. Neste contexto de estudo, Bhabha

registra a pergunta do poeta palestino Mahmoud Darwish, estabelecendo uma relação metafórica que desencadeia reflexão sobre a possibilidade de sentir-se em casa, mesmo em face de distâncias e diferenças culturais. Esse dilema é claramente evidenciado em narrativas literárias da modernidade, nas quais problemáticas fronteiras encontram-se representadas nas temporalidades ambivalentes do espaço-nação. Tais narrativas são exemplificadas, aqui, pelos dois textos das escritoras caribenhas Joan Riley e June Henfrey, as quais, da mesma forma que Bhabha, vivenciaram a diáspora e o desenraizamento de suas comunidades.

Os três escritores deslocaram-se de seu local de origem e se dispersaram pelo mundo, convivendo em meio a culturas distintas das suas e tendo que habituar-se a elas. Nesse contexto, a noção sobre a nação, mesmo que, de ordem simbólica

preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem metafórica. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa através da meia-passagem, através daquelas distâncias e diferenças culturais que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação. (BHABHA, 1998, p. 199.).

A abordagem da experiência negra em textos literários tem sido um tema recente na literatura anglo-caribenha. Através da ficção, escritoras evocam a história de identidades negras consideradas marginalizadas por muito tempo. As narrativas em estudo enfocam as crises de identidade sofridas pelas protagonistas na Inglaterra, local em que sentem-se diferentes e despertencentes.

2 “Coming Home” e *The Unbelonging*: Identidade e (des)pertencimento

Joan Riley e June Henfrey, através de protagonistas femininas, abordam experiências diaspóricas e os conflitos identitários delas decorrentes. O romance *The Unbelonging* (1985) é narrado sob o ponto de vista de uma adolescente jamaicana negra, Hyacinth, que aos onze anos de idade imigra à Inglaterra para viver com seu

pai, até então desconhecido. No decorrer da narrativa acentuam-se a extrema solidão e o desprezo experimentado por uma imigrante negra em uma sociedade completamente preconceituosa. O conto “Coming home”, que encerra a coletânea homônima, *Coming Home* (1994), tem como protagonista Hilda, migrante barbadense que se desloca à Inglaterra em busca de uma vida melhor.

Hyacinth, a protagonista de Joan Riley, em casa, além de não possuir um bom relacionamento com a madrasta e seus filhos, é alvo de violência e abuso sexual por parte de seu pai. Na escola, é rejeitada pelos colegas devido à cor de sua pele e textura do cabelo, sendo motivo de piadas e discriminação. Seu maior desejo é de retornar à Jamaica, terra a que “pertence”: “Frequentemente ela pensava na Jamaica. Seu cabelo era bonito então [...]. Era terrível ser diferente e ela odiava a maneira como as pessoas que moravam próximo de sua casa se cutucavam e o jeito como a olhavam quando ela passava.” (RILEY, 1985, p. 68).¹

No conto “Coming Home” a mãe de, Hilda, a protagonista, desaprova sua ida à Inglaterra. Ao contrário da filha, que idealizava uma Inglaterra onde não só se reencontraria com o namorado, que migrara no ano anterior, como teria padrão de vida superior ao de Barbados, sua mãe sabe que, na “pátria-mãe”, estaria condenada a serviços domésticos. Essas ocupações contrastam com o sonho que sempre acalentara para sua única filha: uma boa carreira profissional, e empregos de prestígio.

Hilda, porém, não hesita, e é impulsionada pela pressão a imitar o comportamento migratório grupal: “Ela tinha ido à Inglaterra não só porque ele estava lá, mas porque isso era o que muitas pessoas estavam fazendo”.² (HENFREY, 1994, p. 89). No entanto, assim como a mãe previa, a protagonista trabalha inicialmente como atendente em uma loja e, mais tarde, como faxineira de um hospital, sofrendo constantemente a discriminação racial. Casa-se com Linton,

¹ “Often she would think of Jamaica. Her hair had been nice then [...] It was awful being different and she hated the way people in the village near the home would nudge each other and stare when she passed.” Observação: esta e todas as outras traduções de originais em língua inglesa, em tradução das autoras, dada a inexistência de edição dessas obras em língua portuguesa.

² “She had gone to England not just because he (Linton) was there, but because it was something that lots of people were doing”.

tendo dois filhos. O marido falece, os anos passam, os dois filhos crescem e constituem suas próprias famílias. A melhor companhia de Hilda passa a ser sua neta Charlotte, que considera como a filha que nunca teve, para a qual conta as histórias do tempo em que vivia na ilha, antes de vir à Inglaterra e se estabelecer em Brixton. Por fim, Hilda sente saudades e deseja retornar à sua terra.

O estudo sobre a migração afro-caribenha no romance e no conto remete à experiência da geração *Windrush*, ou seja, a migração em massa da população negra das colônias para a Inglaterra em resposta a recrutamento de trabalhadores nas colônias. Foi a 22 de junho de 1948 que o navio *Empire Windrush* aportou a Tilbury, carregando 492 passageiros da Jamaica, os primeiros de um grande movimento migratório de Indianos ocidentais que se dirigiram à Inglaterra depois da Segunda Guerra Mundial. À época, não havia restrições para cidadãos vindos de qualquer parte do império britânico se deslocarem de um país para o outro; contudo, embora fossem considerados cidadãos ingleses tanto como os brancos nascidos e residentes na Inglaterra, em pouco tempo esses migrantes descobriram que pertenciam de modo diferente e diminuído à metrópole. Muitos dos migrantes passaram a residir em Clapham South, a sudoeste de Londres, e em Brixton, onde buscaram emprego.

As duas narrativas em estudo, *The Unbelonging* e “Coming Home”, enfocam suas protagonistas a partir de um conceito não essencialista de identidade. Dificilmente poder-se-ia privilegiar, em contextos diaspóricos, uma identidade que fosse meramente aquela fixada com o nascimento, como parte da natureza humana e da genética. Ao invés de identidade fixa, essencial ou permanente, o posicionamento a partir da qual as protagonistas são construídas lembra, antes, a identidade a que Hall compara a “‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2005. p. 13).

Tanto Hyacinth quanto Hilda sofrem com as mudanças impostas pela nova cultura que as rodeia. Tais situações exemplificam como identidades passam a sujeitar-se ao plano da “história, da política, da representação e da diferença”. Sujeitam-se ao plano da história, pois com o passar do tempo, a história se modifica e, com ela, o modo de pensar das pessoas e o contexto em que vivem.

Exemplo disso, nos textos, é o estranhamento por que passam as personagens no retorno a suas ilhas de origem. O plano da política ressalta, especialmente, procedimentos discriminatórios, que levam tanto Hyacinth quanto Hilda a preferir a solidão e o isolamento ao convívio social. No plano da representação, as personagens recordam e elaboram imagens representativas do local de origem; as boas memórias e a vontade de retornar dão-lhe alento para viver no estrangeiro. A sujeição de suas identidades ao plano da diferença leva-as a sentirem-se “despertentes”, dada a não aceitação da diferença cultural por parte dos cidadãos de seu país de acolhida.

Como estes aspectos — história, política, representação e diferença — estão em constante transição, os indivíduos tornam-se “traduzidos”. A palavra “tradução” provém do latim, e se refere a transferir, “transportar entre fronteiras”. Na qualidade de seres traduzidos, Hyacinth e Hilda carregam traços das tradições, linguagens e das histórias de seu povo, os quais dialogam com a cultura do seu país de acolhida, formando identidades híbridas. Desta forma, como as pessoas pertencem a culturas híbridas, descritas por Hall, são

[...] obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas [...] Escritores migrantes, como ele [Rushdie], que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, “tendo sido transportados através do mundo... são homens traduzidos” (Rushdie, 1991). Eles são produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2005, p. 89).

Tanto na obra de Joan Riley quanto na de June Henfrey, evidencia-se o conflito identitário ocasionado pela diáspora, bem como o intenso desejo de retorno. Em *The Unbelonging*, o clima é simbólico de toda uma gama de fatores climáticos e sociais que diferenciam a Jamaica da Inglaterra. Hyacinth lembra o calor de seu país natal ao se deparar com a realidade do frio da Inglaterra,

uma sensação reconfortante que agora pertence apenas ao mundo dos sonhos e violentamente contrasta com a realidade vivida então: “O calor do verão, já passado, foi completamente esquecido; aquela Jamaica, mais duradoura, porém confinada à região da noite, batia em retirada ao amanhecer, levando consigo a familiaridade e conforto. Durante o dia, só frio, medo e o constante e enlouquecedor incômodo eram a realidade”.³ (RILEY, 1985, p. 38).

No texto de June Henfrey, uma das formas em que se manifesta o hibridismo cultural é o destaque dado às ocasiões em que Hilda, decepcionada e descontente com a vida na Inglaterra, relata a sua neta sobre os tempos em que morava na ilha do Caribe: “Revivendo a sua vida anterior para alimentar a curiosidade da criança, ela se transportou, de novo, àqueles lugares e tempos”.⁴ (HENFREY, 1994, p. 88). Estas citações demonstram o quanto o local de origem prevalece na memória das personagens; a comparação entre essas memórias saudosas e positivas e a realidade, totalmente adversa, leva-as a sofrer um certo conflito.

Contudo, como Stuart Hall sublinha com relação à formação de posições identitárias, “Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos”. (HALL, 2003, p. 27). Por esse motivo, o retorno jamais será o mesmo para os indivíduos que fizeram parte do movimento diaspórico. Revivendo sua experiência pessoal, ao retornar, depois de muitos anos, à Jamaica, Hall descreve:

Esta não era a Jamaica onde eu tinha crescido. Por exemplo, tinha se tornado culturalmente um sociedade negra, uma sociedade pós-escravocrata e pós-colonial, enquanto eu havia vivido lá no final da era colonial. Portanto, pude negociá-la como um ‘estrangeiro familiar’.

³ “The heat of Summer past was all but forgotten; that Jamaica more enduring yet still confined to the region of the night, retreating with dawn, taking familiarity and comfort away. In the daytime, only cold, fear and the constant maddening itching was reality”

⁴ “Reliving her early life to feed the child’s curiosity, she found herself back there in those places and times”.

Paradoxalmente, eu tinha a mesma relação com a Inglaterra. Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada. (HALL, 2003, p. 393)

Nesse cenário, constrói-se o “entre-lugar” como o espaço de formação das formas de identidade social. É nesta perspectiva que Homi Bhabha define o espaço híbrido (terceiro espaço), o qual corresponde ao momento da tradução cultural, em que os termos tornam-se “nem Um [...] nem Outro [...] mas algo mais, que contesta os termos e territórios de ambos. (BHABHA, 1998, p. 55). O autor introduz o conceito da temporalidade do entre-lugar como

a fronteira que assinala a individualidade da nação que interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo[...] estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população . A nação barrada Ela/ Própria [*It/Self*], alienada de sua eterna autogeração torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais de diferença cultural. Essa escrita-dupla ou dissemi-Nação não é simplesmente um exercício teórico nas contradições internas da nação liberal moderna. (BHABHA, 1998, p. 210)

Ao observar a situação das personagens em destaque, ressalta-se que elas estão situadas no “entre-lugar”, situando-se em uma fronteira temporal, entre o presente (em local e cultura despertencentes) e seu passado (em local e culturas (des)pertencentes), bem como em uma fronteira territorial: entre o lugar em que gostariam de estar e retornar (terra de origem) e o local em que residem efetivamente (Inglaterra).

Por questão de sobrevivência, estas personagens são obrigadas a vivenciar os costumes e a cultura inglesa. Sublinha-se, porém, a não identificação das protagonistas com o contexto da Inglaterra. Há assim uma atividade negadora. Como na descrição

de Homi Bhabha da temporalidade do além, na experiência dessas migrantes é

a intervenção do 'além' que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o 'fazer-se presente' começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-colocação do lar e do mundo- o estranhamento [unhomeliness] - que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais. (BHABHA, 1998, p. 30).

Hyacinth, protagonista da obra *The Unbelonging*, expressa duplo sentimento de estranhamento e negação do lugar onde mora. Embora já estivesse na Inglaterra há três, não está ainda preparada para enfrentar o frio da Inglaterra: “Seu terceiro inverno na Inglaterra e ela queria morrer. Ela estava tão miserável, tão infeliz, e com tanto frio- sempre com tanto frio”.⁵ (RILEY, 1985, p. 37). A esta condição climática subentende-se a própria frieza humana. Sua não aceitação no contexto britânico, e a discriminação que sofria nas ruas, no ônibus, na escola, em qualquer lugar que frequentado atesta e ressalta a frieza britânica. Tão deslocada está a personagem, que enfrenta preconceito mesmo por parte da população negra. Após ter defendido uma colega indiana, a quem um jovem negro insultava, fica estigmatizada mesmo entre os de sua etnia: “Os estudantes negros ignoravam-na a depois do incidente na cantina, todos a olhavam estranhamente, cochichando sobre ela. Hyacinth estava contente, agradecida por tê-los distantes de si.”⁶ (RILEY, 1985, p. 84).

Na mente de Hyacinth, as pessoas negras bondosas haviam permanecido na Jamaica. Ela internaliza sua opressão tal forma que, até na idade adulta, sofre stress traumático. Homens negros provocam-lhe repugnância, pois lembram-lhe o pai e os terríveis momentos que este lhe infligiu - “a visão de seu pai permanece em sua mente”.⁷ (RILEY, 1985, p. 127). Dessa forma, a percepção de

⁵ “Her third winter in England and she wanted to die. She was so miserable, so unhappy, and so cold- always so cold.”

⁶ “The black students ignored her after the incident in the canteen, all of them giving her strange looks, whispering about her. Hyacinth was glad, thankful to have got them off her back”

⁷ “the vision of her father is beating at her mind”

Hyacinth com relação aos negros na Inglaterra é a de que eles não são amigáveis, nem atrativos mas, sim, agressivos.

Ao mesmo tempo, Hyacinth aponta a sua desconfiança dos brancos: “Ela deveria saber que não podia confiar em mulheres brancas. Elas eram todas iguais, todas promessas e sorriso na frente dela, mas todas tramando ódio e despeito pelas suas costas”.⁸ (RILEY, 1985, p. 94). Desde menina, os valores para ela repassados eram de que não deveria confiar nos brancos, pois estes eram traiçoeiros, podiam até parecer bondosos, mas, quando menos ela esperasse, poderiam fazer-lhe algo ruim. O sentimento de Hyacinth é de extrema solidão durante grande parte de sua juventude, pois não confia nos brancos ingleses, e, ao mesmo tempo, sente-se insegura quanto aos negros que ali vivem, fossem eles ingleses ou não.

A identidade de Hilda está ligada a uma ilha caribenha que não é especificada na obra; já a de Hyacinth é jamaicana; ambas vivem em um contexto colonial. Esta identidade, no entanto, passa a ser não-essencialista no momento em que as protagonistas assumem diferentes posições na sociedade e convivem em meio a uma cultura diferente daquela a que “pertencem”. A protagonista Hilda registra, no decorrer do texto narrativo, o estranhamento dela e do marido sobre o país em que vivem durante muitos anos: “ambos sentiam-se estrangeiros em uma terra estranha”.⁹ (HENFREY, 1994, p. 85).

Hilda sabe que, mesmo convivendo em meio a esta sociedade, jamais seria considerada parte dela: “Ela tinha sido uma servente no banquete, limpando as sobras, mas nunca foi convidada a sentar e desfrutar um copo de ponche”.¹⁰ (HENFREY, 1994, p. 84). O estranhamento e a não identificação com o espaço são clara e repetidamente evidenciados ao longo do conto. Outra dessas ocasiões é a expressão dúplice de surpresa e descontentamento pelo passar dos anos na Inglaterra: “Quando, com os filhos crescidos, sentiu-se capaz de erguer a cabeça e olhar ao redor, descobriu que

⁸ “She should have known not to trust a white woman. They were all the same, all promises and smiles to her face, all scheming hatred and spite behind her back.”

⁹ “both felt themselves to be sojourners in a strange land.”

¹⁰ “She had been a servant at the feast, mopping up its spills, but never offered the opportunity to sit down and enjoy a glass of punch”.

tinha envelhecido em uma terra de que não gostava”.¹¹ (HENFREY, 1994. p. 84).

Pouco depois, de volta a seu país natal, enquanto se banha nas águas tépidas do Caribe, e contempla o azul do céu e do mar, mal pode imaginar como vivera por tão longo tempo na Inglaterra:

Era uma cena que, pouco mais de um mês atrás, Hilda poderia ter somente imaginado ou evocado partir das memórias de um tempo anterior ao de sua partida para a Inglaterra. Agora o que parecia remoto era a torre em Brixton e as ruas escuras ao sul de Londres, brilhando acinzentadas depois da chuva. Por mais que tentasse, sua imagem permanente daquele lugar era de cinza e umidade [...]

Aqueles tinham sido anos de turbulência e de profunda solidão. Por mais que houvesse tentado, não tinha-lhe sido permitido participar da vida a sua volta.¹² (HENFREY, 1994. p. 84).

Dentre as mais terríveis lembranças dos tempos vividos na Inglaterra, avultam as memórias do dia em que é apedrejada por meninos ingleses por ser negra: “ela sempre se lembrava do momento em que ela e outra mulher negra foram apedrejadas por dois meninos brancos, muito jovens para entender o significado do que estavam fazendo. [...] Esta foi a mais dolorosa das memórias”.¹³ (HENFREY, 1994. p. 86).

Contudo, Hilda, ao retornar à ilha natal, percebe que tudo está modificado, com novas construções. Sua casa se modificara; descobre “um novo caminho para a praia, menos íngreme do que a encosta, que estava um pouco mudada. Um novo caminho emerge

¹¹ “When, with the children grown, she felt able to raise her head and look about her, she found that she had grown old in a land she did not like”.

¹² The scene was one that, barely a month ago, Hilda could only have imagined, or conjured up from memories of a time before she had left for England. Now what seemed remote was the tower block in Brixton, and the dark streets of South London, gleaming dully after rain. However hard she tried, her abiding image of that place was of grey and damp [...] Those had been years of turbulation and of a deep loneliness. Try as she might, she had not been allowed to participate in the life that went on around her.

¹³ “She would remember the time when she and another black woman were stoned by two white boys, too young to understand the significance of what they were doing. [...] This was the bitterest of the memories”.

junto com um shopping, completo com supermercado, farmácia e ainda uma loja de roupas”.¹⁴ (HENFREY, 1994, p. 90). Vincent explica-lhe a situação: “‘é a independência que fez isso’, garante-lhe. (RILEY, 1985, p. 91). A mulher percebe, então, como sua memória difere da terra que encontra, e, por algum tempo, sente-se confusa e deslocada na terra natal.

Em Barbados, Hilda trabalha quando necessário e descansa o suficiente. Mesmo que já tivesse retornado ao lugar que tanto almejava, considera que o outro mundo, a Inglaterra ainda permanece em sua memória, pois, querendo ou não, lá passa longa parte de sua vida, e este é o espaço em que constitui sua família: “o outro mundo ainda aparecia em seus sonhos, e continuava sendo uma parte da vida que passou, pela família que tinha formado!”.¹⁵ (HENFREY, 1994, p. 95).

Também no romance de Riley, a protagonista congela a memória da Jamaica de sua infância, construindo uma pátria imaginada. Na universidade, em vão seus amigos Charles e Perlene tentam mostrar-lhe a verdadeira realidade da Jamaica atual. Charles diz-lhe ironicamente: “Cuide para quando você voltar para sua ilha, não se desapontar, Hyacinth”.¹⁶ (RILEY, 1985, p. 125). Num momento posterior, quando Hyacinth afirma sua decisão de retornar à Jamaica, a amiga Perlene alerta-a: “Eu gostaria que você me ouvisse sobre a Jamaica, Hyacinth, eu realmente amo a Jamaica, mas ficar cega diante de seus defeitos não é uma forma de mostrar esse amor”.¹⁷ (RILEY, 1985, p. 129). A reação de Hyacinth é de descrédito com relação aos argumentos da amiga, pois não quer imaginar um mundo diferente daquele que conhecia, preferindo a negação da realidade. Continuar idealizando sua pátria traz-lhe sentimento de esperança, paz, calor, conforto e pertencimento.

Hyacinth, depois de adulta, consegue finalmente retornar à

¹⁴ “she discovered, a new way down to the beach, less steep than the hillside, which was little changed. The new path emerged alongside a shopping mall, complete with supermarket, a chemist’s and even a smart dress shop.”

¹⁵ “the other world still figured in dreams, and continued to possess a part of her life it had taken, as for the family which it had shaped!

¹⁶ “Watch that when you go back to your island, you are not disappointed, Hyacinth”

¹⁷ “I wish you would listen to me about Jamaica, Hyacinth, I really love Jamaica, but being blind to its faults is no way to show that love”.

Jamaica. No entanto, tal como Hilda, depara-se com uma terra totalmente diferente daquela que permanece em sua memória. Estava na Jamaica pós-colonial: “Este não é o lugar do qual ela lembra [...] tia Joyce deveria ter lhe dito como as coisas estavam”.¹⁸ (RILEY, 1985, p. 137).

A protagonista continua demonstrando sua decepção e o não reconhecimento de si mesma em relação à Jamaica: “Esta não é a realidade, sua mente rejeitava. A realidade não está aqui, isto é um pesadelo”.¹⁹ (RILEY, 1985, p. 139). Hyacinth acentua a negação da realidade e de sua própria identidade, pois ela julga não pertencer a este lugar, mas sim a um lugar bonito em meio a natureza, um lugar seguro com as pessoas amigáveis e bondosas: a antiga Jamaica, e não esta.

Ao chegar à casa da tia, Hyacinth a encontra doente. Ao invés de ter uma recepção calorosa depois de permanecer tantos anos na Inglaterra, a saudação recebida é: “Volte ao lugar de onde você veio [...] cada palavra, ferindo como uma facada, rasga-a por dentro. Onde eles esperavam que ela fosse? Por que todos a rejeitam? [...] Quantas vezes ela ouviu aquilo desde que veio a Jamaica, ou era desde que tinha ido à Inglaterra? Ela se sentia rejeitada, despertente”.²⁰ (RILEY, 1985, p. 142). Hyacinth passa por um conflito identitário. Afinal, quem seria ela? Onde deveria ir? A que nação pertencia? Simplesmente ignora como responder a essas questões.

Ao mesmo tempo em que há a alegria devido à possibilidade do retorno, o sentimento de solidão prevalece nas duas protagonistas, bem como a não identificação com seu mundo, após o retorno. Assim, a certeza do pertencimento à terra natal que predominava no decorrer das narrativas é desfeita. O sentimento de pertencer ou não a algum lugar remete à reflexão e à compreensão do espaço-tempo, como consequência das transformações mundiais. As protagonistas

¹⁸ “This is not the place she remember [...] Aunt Joyce would have told her how things were.”

¹⁹ “This is not reality, her mind rejected. The reality is not here, this is a nightmare”

²⁰ “Go back where you come from [...] each word, like a knife wound, stabbed and ripped inside her. Where did they expect her to go? Why did everyone reject her? [...] How many times had she heard that since coming to Jamaica, or was it since she had gone to England? She felt rejected, unbelonging.”

sentem-se estranhas em seu próprio mundo; passam pela experiência do duplo deslocamento: transitam por dois ambientes, mas sentem não pertencer a ambos.

Ambas as protagonistas, em vários momentos, relembram as terras de procedência, o mundo a que pensam pertencer e ao qual gostariam de voltar, através da memória. Frequentes devaneios, recordações e sonhos reavivam as imagens do passado para Hyacinth. Quando ainda relativamente pouco se prolongara sua estada na Inglaterra, ao pensar que seu pai seguiria a sugestão do médico e a enviaria de volta à Jamaica, a menina sonha que já está em casa. Depois, quando percebe que seu pai a manterá junto a si, e que não voltará para casa, explode sua decepção: “Por que tinha que ser um sonho?, pensou com uma selvageria repentina. Ela estava tão certa de que estava de volta em casa, tão certa de que este momento era algo real”.²¹ (RILEY, 1985, p. 10).

Hyacinth usa a memória todas as vezes em que, por algum motivo, se desilude, sofre preconceito, violência ou decepção. Como forma de fuga dos problemas por ela enfrentados na Inglaterra, passa a idealizar sua nação. Comentando o modo como o inglês jamaicano e britânico são usados no romance, Criss Weedon registra a tentativa de fuga da personagem da realidade fria da Inglaterra para o calor de sua terra natal: “A narrativa justapõe duas línguas concorrentes - jamaicana e inglesa - que significam o mundo colorido, de fuga dos sonhos de Hyacinth acerca de sua infância na Jamaica, um mundo rico em metáforas e imagens naturais, e a realidade fria e prosaica da vida de Hyacinth na Inglaterra”.²² (WEEDON, 2004, p. 91).

Também a protagonista de Henfrey, Hilda, sente intenso desejo de retorno ao lar. Apesar de “Coming Home” ser uma narrativa breve, um conto, vários são os momentos em que se remete à ideia de retorno, como: “*go back*”, “*back home*”, “*back there*”, “*her return*” e “*coming home*”. Estes enunciados justificam o título do texto. A personagem desenvolve a noção de que reconhecimento

²¹ “Why did have to be a dream? She thought with sudden savagery. She had been so sure that she was back home, so sure that this time it was the real thing.”

²² “The narrative juxtaposes two competing languages-Jamaican and English-which signify the colorful, escapist world of Hyacinth’s dreams of her childhood in Jamaica, a world rich in metaphor and natural imagery, and the cold, prosaic reality of Hyacinth’s life in England”.

e real pertença só serão concretizados na terra de origem. Prestigia os momentos que passa com sua neta Charlotte, uma vez que os questionamentos da neta sobre sua ilha natal levam-na a recordar os tempos lá passados. Porém, essas sessões com Charlotte sempre fazem com que Hilda sintase vagamente insatisfeita, pois julga então que estes tempos, em que era tão feliz em sua terra, jamais retornariam.

Numa reconstrução do passado, as protagonistas evocam imagens mentais associadas à ânsia de seu próprio reencontro, o encontro de sua identidade e cultura no local de origem. Lembra-se a esse respeito a formulação de Ecléia Bosi: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado”. (BOSI, 2002, p.35.) A sobrevivência de Hyacinth e Hilda se deve a essa esperança do retorno ao mundo a que julgam pertencer.

Conclusão

Após o deslocamento dos povos, a perda de identidade nacional, a não identificação com a identidade étnica e a decepção com o retorno num contexto pós-colonial, qual seria o lugar pertencente destas pessoas? Conhecendo os textos narrativos e a situação das protagonistas, qual seria o lugar para onde elas deveriam ir, depois da negação tanto da identidade étnica quanto da identidade nacional? As rupturas com as raízes provocam o desejo de reconhecimento, de ter uma identidade a qual se possa dizer pertencente.

O desprezo e o desrespeito vividos em outras sociedades são considerados “ferimentos morais”. Os textos apontam a angústia que Hyacinth e Hilda passam, na tentativa de ter um reconhecimento em uma sociedade à qual não pertencem e jamais irão pertencer. Após o retorno, as personagens deparam-se com um contexto pós-colonial, impulsionado pelos movimentos do pós-guerra. Com o pós-colonialismo, acontece o crescimento do capital local, e o ambiente se diferencia do mundo idealizado enquanto permaneciam na Inglaterra: o ambiente natural, por tantos anos sonhado e almejado, é substituído por uma realidade totalmente contrastiva.

A partir desta análise comparativa detectaram-se duas das temáticas comuns entre as escritoras caribenhas: o conflito identitário e o senso de desarraigamento. Em que pese o fato de que a protagonista do conto “Coming home” demonstra, desde o início da narrativa, a certeza do pertencimento à sua ilha, o desfecho de sua história leva-a a duvidar dessa certeza. Se, por um lado, antecipa o sentimento de liberdade ante a possibilidade da volta, a realidade encontrada remete-a a um clima de solidão e estranhamento. Em *The Unbelonging*, o final é também melancólico: a certeza de pertencimento se desfaz, Hyacinth já não pertence à Jamaica.

A análise investigativa de textos ficcionais que envolvem questões como a sensação de estar em um entre-lugar, o conflito identitário e o desejo de pertencimento remete a situações diaspóricas. Retorna-se, agora, à indagação de Bhabha: “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?” Após ficar evidente o não reconhecimento das protagonistas no ambiente da Inglaterra, bem como o sentimento de despertencimento do contexto de origem após o retorno, nota-se que a ideia de um mundo ideal e perfeito é ilusória. Numa visão final, detecta-se que o céu tão desejado pelas protagonistas não mais existe, prevalecendo a incerteza de seus destinos.

Where should the birds fly after the last sky? Identity and (un)belonging in “Coming Home” and *The Unbelonging*

Abstract: This analytical study juxtaposes two literary texts by Caribbean writers that articulate the theme of the diasporic movement to England and the return to the land of “(un)belonging”: Joan Riley’s novel *The Unbelonging* and June Henfrey’s short story “Coming Home”. Analysis proposes the study of the protagonists’ search for an identity, their feelings of (un)belonging and the return to their idealized homelands. To reach this aim, theoretical support is sought in the works of Homi Bhabha (1998), who reflects on an interstitial third space (in-betweenness), Stuart Hall (2003) and his cultural perceptions about the diasporic movement, as well as in Chris Weedon’s studies (2004) about issues of identity and belonging. Investigative analysis of these two fictional texts allows

a better understanding about the consequences of the diaspora through the study of the protagonists, who inhabit two places, but belong to none of them.

Keywords: “Coming Home”. *The Unbelonging*. In-betweenness. Diaspora. Identity.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Ecléia. A dimensão coletiva da memória. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002.

HALL, Stuart. *Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HENFREY, June. Coming home. In: HENFREY, June *Coming Home and other stories*. Liverpool: Peepal Tree, 1994, p. 81 e 97.

RILEY, Joan. *The Unbelonging*. London: The women's press fiction, 1985.

WEEDON, Chris. Identity and Belonging in Contemporary Black British Writing. In: ARANA, R. Victoria; RAMEY, Lauri. (Ed.). *Black British Writing*. New York & Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004. p. 74-97.